



6 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 25 de fevereiro de 2025

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,36% São Paulo	0,08% Nova York	127.308	R\$ 5,756 (+ 0,44%)	R\$ 1.518	R\$ 6,030	13,15%	13,46%
		19/2 20/2 21/2 24/2	18/fevereiro 5,689 19/fevereiro 5,726 20/fevereiro 5,704 21/fevereiro 5,730				Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16

CONSUMO

O índice medido pela Fundação Getúlio Vargas mostra queda de 2,6 pontos em fevereiro, para 83,6, o menor nível desde 2022. Principal responsável foi a piora das expectativas futuras, que atingiu, principalmente, pessoas com renda mensal de até R\$ 2.100

Alta dos preços abala confiança do brasileiro

» FERNANDA STRICKLAND

As famílias de renda mais baixa estão sentindo no seu dia a dia os efeitos negativos da alta dos preços, principalmente dos alimentos, o que acaba por afetar a sua perspectiva de melhora na economia. O resultado disso é o desânimo em relação ao futuro.

Esta percepção fica clara ao se observar o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). A pesquisa mostra uma queda acentuada em fevereiro, de 2,6 pontos, atingindo 83,6 — o menor nível desde agosto de 2022 (82,1 pontos).

Segundo os dados da FGV, houve piora na confiança do consumidor em todas as faixas de renda, sendo mais acentuada entre os consumidores que ganham até R\$2,1 mil mensais. Esse grupo tem sido o mais afetado pelo aumento da inflação e pela alta dos juros, dificultando o planejamento financeiro e reduzindo o consumo.

O indicador acumula mais de 10 pontos de retração nos últimos três meses, refletindo um cenário de maior pessimismo entre os consumidores.

De acordo com a economista

Anna Carolina Gouveia, do FGV Ibre, a queda na confiança está ligada à piora da inflação de alimentos, que compromete o poder de compra das famílias, e à elevação da taxa de juros, que impacta diretamente a situação financeira dos consumidores. O efeito negativo foi mais forte entre as famílias de menor renda, que sentem mais intensamente a pressão dos preços sobre itens essenciais.

“Ao recuar pela terceira vez seguida, a confiança do consumidor acumula mais de 10 pontos de queda sendo, em fevereiro, impulsionada apenas pela deterioração das expectativas futuras. O resultado confirma um maior pessimismo entre os consumidores nesse início de ano, disseminado entre as faixas de renda e mais forte para aqueles de menor poder aquisitivo. O mal-estar é resultado da piora da inflação de alimentos, que reduz o poder de compra das famílias em bens essenciais e, da elevação da taxa de juros, que agrava a situação financeira das famílias”, explicou a economista da FGV.

O resultado negativo foi puxado pelo Índice de Expectativas (IE), que caiu 4,3 pontos, chegando a 87,3. Já o Índice de Situação Atual (ISA) permaneceu estável em 79,4 pontos.



Edesio Ferreira/EM/D.A. Press

A intenção de comprar bens duráveis, como carros e eletrodomésticos, caiu ao menor nível desde agosto de 2022

Bens duráveis

Entre os indicadores específicos, a intenção de compra de bens duráveis apresentou a maior queda do mês, com recuo de 9,9 pontos, atingindo 75,2, menor nível desde agosto de 2022. Estão na categoria de bens duráveis itens como automóveis, móveis e eletrodomésticos.

Além disso, o indicador que

mede a percepção sobre as finanças das famílias caiu 0,9 ponto, para 68,8 pontos. Já o que mede a perspectiva sobre a situação financeira futura das famílias caiu 3 pontos, para 89,5.

Por outro lado, houve leve avanço nos indicadores que avaliam a situação econômica local, tanto atual quanto futura, com altas de 0,9 e 0,3 ponto, respectivamente.

IPC-S

Ontem também, a FGV divulgou que o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), que mede a variação do custo de vida para famílias com renda entre 1 e 33 salários-mínimos mensais acelerou para 1,03% na terceira quadrimestre de fevereiro, após registrar alta de 0,77% no período anterior. Com

o resultado, o índice acumula em 12 meses avanço de 3,88%.

Quatro das oito classes de despesas aceleraram em relação à quadrimestre anterior: Habitação (0,66% para 1,87%), Despesas Diversas (0,78% para 1,16%), Vestuário (-0,37% para -0,03%) e Transportes (1,36% para 1,41%). Houve, por outro lado, desaceleração em Educação, Leitura e Recreação (0,53% para 0,25%), Comunicação (0,18% para 0,11%), Alimentação (0,99% para 0,96%) e Saúde e Cuidados Pessoais (0,50% para 0,47%).

As maiores influências que puxaram o índice para cima partiram de tarifa de eletricidade residencial (0,41% para 7,63%); gasolina (1,84% para 2,56%); curso de ensino superior (5,53% para 5,40%); curso de ensino fundamental (5,92% para 5,64%) e condomínio residencial (1,75% para 2,53%).

Na outra ponta, puxaram o índice para baixo passagem aérea (-15,46% para -16,53%); batata inglesa (-16,81% para -14,12%); cinema (-5,65% para -4,89%); arroz (-1,35% para -2,07%) e móveis para residência (0,28% para -1%).

O IPC-S calcula a evolução de preços considerando quatro semanas anteriores, mesmo que não seja no mesmo mês. (Com Agência Estado)

Focus: projeções para 2025 pioram

» RAFAELA GONÇALVES

Economistas do mercado financeiro voltaram a elevar suas expectativas para a inflação e reduziram as projeções para o dólar abaixo dos R\$6 neste ano. Segundo os dados do último Boletim Focus, divulgados ontem pelo Banco Central (BC), a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2025 passou de 5,60% para 5,65%.

Para 2026, a projeção subiu de 4,35% para 4,40%. A estimativa para 2027 ficou em 4,00%, enquanto para 2028, caiu de 3,80%

para 3,79%. A revisão das projeções afasta ainda mais a inflação da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 3% em 2025. A margem de tolerância para que ela seja considerada cumprida é de 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima.

O dado da semana reflete um cenário de maior preocupação do mercado com a inflação persistente no Brasil. “A revisão para cima das projeções do IPCA sinaliza que a dinâmica inflacionária, especialmente em serviços e alimentos, continua resistente, mesmo diante de uma Selic

elevada”, destaca Pedro Ros, CEO da Referência Capital.

Em relação ao câmbio, a mediana das projeções para o dólar caiu de R\$ 6,00 para R\$ 5,99, no primeiro recuo das estimativas desde de janeiro de 2024. Para o fim 2026, a previsão ficou em R\$ 6,00. Já para 2027, subiu de R\$ 5,90 para 5,92.

“Isso mostra como o cenário continua desafiador, com o Banco Central tentando equilibrar a política monetária e o crescimento da economia, enquanto o mercado reage com cautela à pressão nos preços”, aponta André Matos, CEO da MA7 negócios.

Selic

A mediana para taxa básica de juros (Selic) ficou estável em 15% neste ano. Atualmente, a taxa está em 13,25% ao ano, valor fixado em janeiro. A próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) acontecerá em março e a expectativa é de um aumento da Selic em 1 ponto percentual.

A projeção para os juros em 2026 permaneceu em 12,50%, enquanto para 2027 ficou nos mesmos 10,50%. Para 2028, a estimativa está em 10%. “O aumento da Selic para 15% ao ano reflete a preocupação do Banco Central com a inflação

persistente”, afirma Carlos Braga Monteiro, CEO do Grupo Studio.

A mediana das projeções para o produto interno bruto (PIB) em 2025 também ficou estável em 2,01%. Para 2026, a estimativa permaneceu em 1,70%. A projeção para 2027, por sua vez, subiu de 1,98% para 2,00%. Para 2028, a expectativa continuou em 2%.

Crédito

“O mercado reage com cautela, já que a política monetária mais restritiva encarece o crédito e reduz o consumo, impactando diretamente o crescimento econômico”, avalia Monteiro. No câmbio, Monteiro indicou uma busca por estabilidade diante do cenário global. “A alta juros,

embora necessária para conter a inflação, aumenta o custo do capital e pode desacelerar investimentos, exigindo um equilíbrio cuidadoso entre controle inflacionário e estímulo ao crescimento”, acrescenta.

No cenário global, os analistas ainda avaliam as incertezas sobre os juros nos EUA e a possibilidade de revisões na política fiscal brasileira adicionarem volatilidade ao mercado. “O desafio agora é equilibrar a necessidade de desinflação sem comprometer o crescimento, especialmente diante de um cenário em que os juros reais já estão elevados, limitando o espaço para novas altas sem efeitos colaterais severos na atividade econômica”, ponderou Pedro Ros.

Dilma é internada

A ex-presidente Dilma Rousseff (PT) foi hospitalizada em Xangai, na China, após passar mal, apresentando um quadro de pressão alta. Ela está sob cuidados médicos no Shanghai East International Medical Center. Ela passou mal na última sexta-feira e, por ainda estar sob observação, cancelou sua viagem a Cape Town, na África do Sul, onde participaria de uma reunião com representantes do Brics — grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Desde 2023, a ex-presidente comanda o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB). A nomeação dela ocorreu dentro do sistema de rodízio entre os países-membros. Inicialmente, o Brasil ocuparia a presidência da instituição até julho de 2025, mas o governo brasileiro articulou a prorrogação do mandato por mais cinco anos. Atualmente, Dilma reside na China.

Ricardo Stukert



MERCADO FINANCEIRO

BB amplia Pix por aproximação

» FERNANDA STRICKLAND

O Banco do Brasil anunciou ontem a ampliação do Pix por aproximação para todos os seus clientes pessoa física. A nova funcionalidade, que estava em fase de testes desde outubro nas regiões de São Paulo e do Distrito Federal, agora será disponibilizada em todo o país. A tecnologia permite que transações via Pix sejam realizadas apenas aproximando o celular da máquina de pagamento, utilizando a tecnologia NFC (Near Field Communication). Segundo Pedro Bramont, diretor de soluções em meios de pagamentos e serviços do Banco do Brasil, a novidade deve reforçar a confiança dos clientes na plataforma. “Expandir o Pix por aproximação vai aproveitar a intimidade e a confiança que o cliente tem com o app do Banco do

Brasil, que é reconhecido como simples, seguro e com excelente experiência”, afirmou em nota.

A partir da próxima sexta-feira (28), o Banco Central dará início à implementação nacional do Pix por aproximação, também chamado de Pix por biometria. A nova modalidade integra a evolução dos meios de pagamento via Open Finance, utilizando a chamada jornada sem redirecionamento (JSR). Diversas instituições financeiras já iniciaram testes com públicos específicos para essa funcionalidade.

No caso do Banco do Brasil, a solução está disponível inicialmente para dispositivos Android. Para ativá-la, o cliente deve acessar as configurações do aplicativo, selecionar “Conexões”, depois “NFC”, “Pagamentos sem contato”, “Serviço Pix por Aproximação BB” e, por fim, a opção “Pagar

com o app aberto no momento”.

A ampliação do Pix por aproximação promete trazer mais agilidade e praticidade para os usuários, tornando os pagamentos ainda mais rápidos e seguros. Segundo Thiago Amaral doutor e mestre em Direito Comercial pela PUC/SP e professor da FGV/SP e do Insper, sem a necessidade de abrir aplicativos bancários ou digitar senhas, o pagamento poderá ser feito apenas aproximando o smartphone de um dispositivo compatível, semelhante ao que já ocorre com cartões contactless.

“A chegada do Pix por Aproximação trará mais agilidade e segurança para os pagamentos do dia a dia. Além disso, facilitará a experiência em e-commerce, reduzindo o abandono de carrinhos e tornando as compras on-line mais fluidas”, destaca Amaral.